



NAS ENTRELINHAS

DO CUIDADO:

A FUNÇÃO DAS BERÇARISTAS E SUAS
CONTRIBUIÇÕES AOS BEBÊS NA CRECHE



ANDREZA ARETAKIS
DEBORAH FOINQUINOS KRAUSE
CLARISSA M. DUBEUX LOPES BARROS



FPS

FACULDADE
PERNAMBUCANA
DE SAÚDE

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

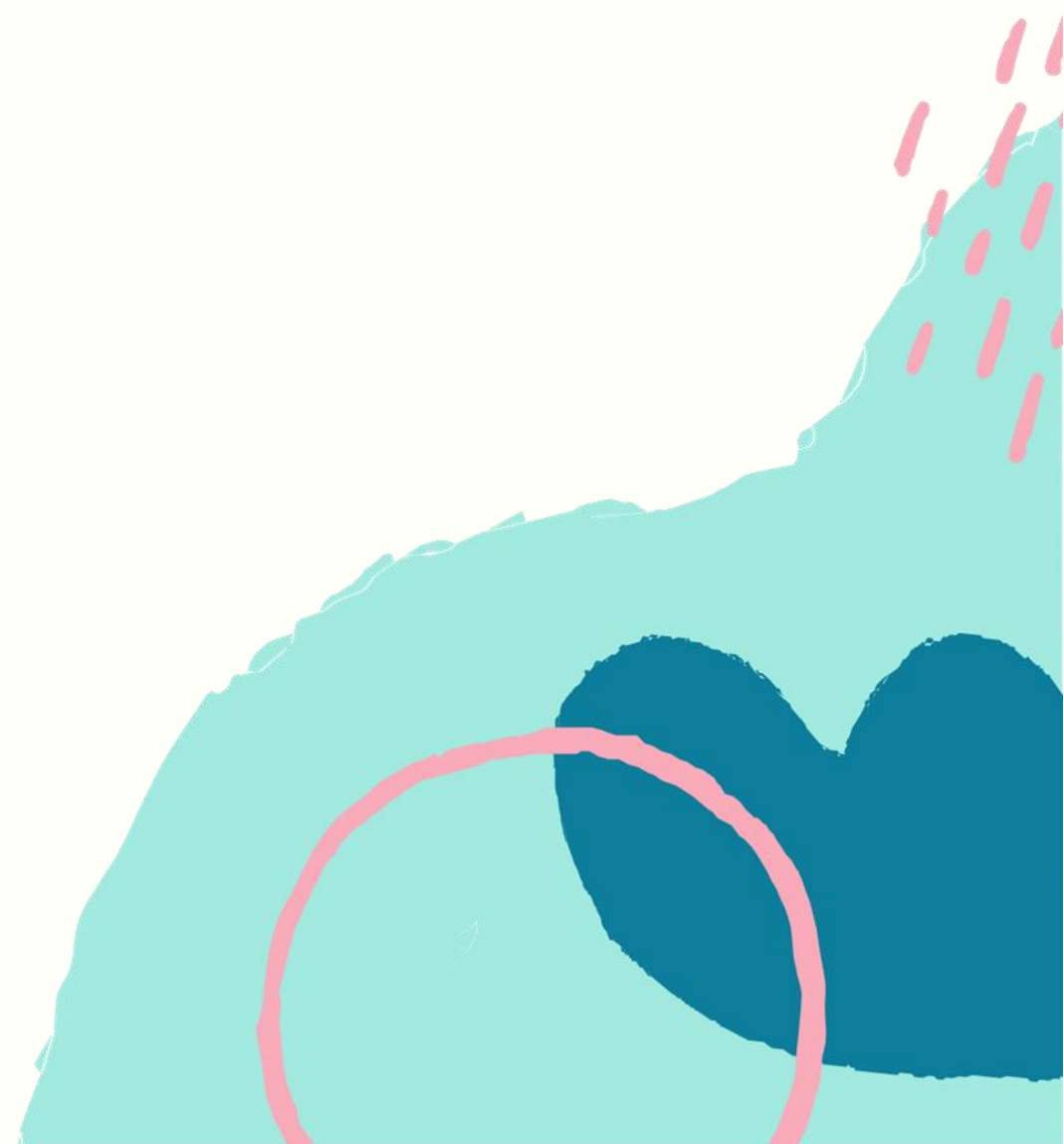
A682n Aretakis, Andreza

Nas entrelinhas do cuidado: a função das berçaristas e suas contribuições aos bebês na creche. / Andreza Aretakis, Clarissa Dubeux Lopes Barros, Deborah Foinquinos Krause. – Recife: Do Autor, 2020.
24 f.

Material didático e instrucional, 2020.
ISBN: 978-65-87018-45-4

1. Educação infantil. 2. Creche. 3. Desenvolvimento infantil. I. Barros, Clarissa Dubeux Lopes. II. Krause, Deborah Foinquinos. III. Título.

CDU 37-053.2





A todo profissional que atua com bebês,

Este *E-book* foi construído como produto educacional da minha pesquisa de mestrado, que aconteceu sob a orientação de Clarissa M. Dubeux Lopes Barros e coorientação de Deborah Foinquinos Krause. A pesquisa teve como objetivo analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para constituição psíquica de bebês que frequentam a creche.

O *E-book* é dedicado a todos aqueles que trabalham na creche e têm a finalidade de ampliar e refletir sobre a importância das suas práticas e de seus saberes.

Com carinho,

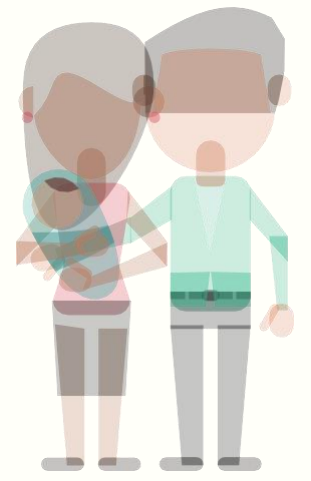
Andreza Aretakis
Clarissa Dubeux Lopes Barros
Deborah Foinquinos Krause



Sumário

• Refletir sobre a chegada	04
• Acolhimento	05
• Quem cuida dos bebês no berçário?	07
◦ A berçarista	08
• Nas entrelinhas do cuidar e educar	11
• Eixos de subjetivação na creche	16
◦ A subjetivação e os indicadores de risco psíquico na infância	17
• Anexos	20
◦ Indicadores clínicos de risco para desenvolvimento infantil - IRDI 18	21
• Referências	24

REFLETIR SOBRE A CHEGADA

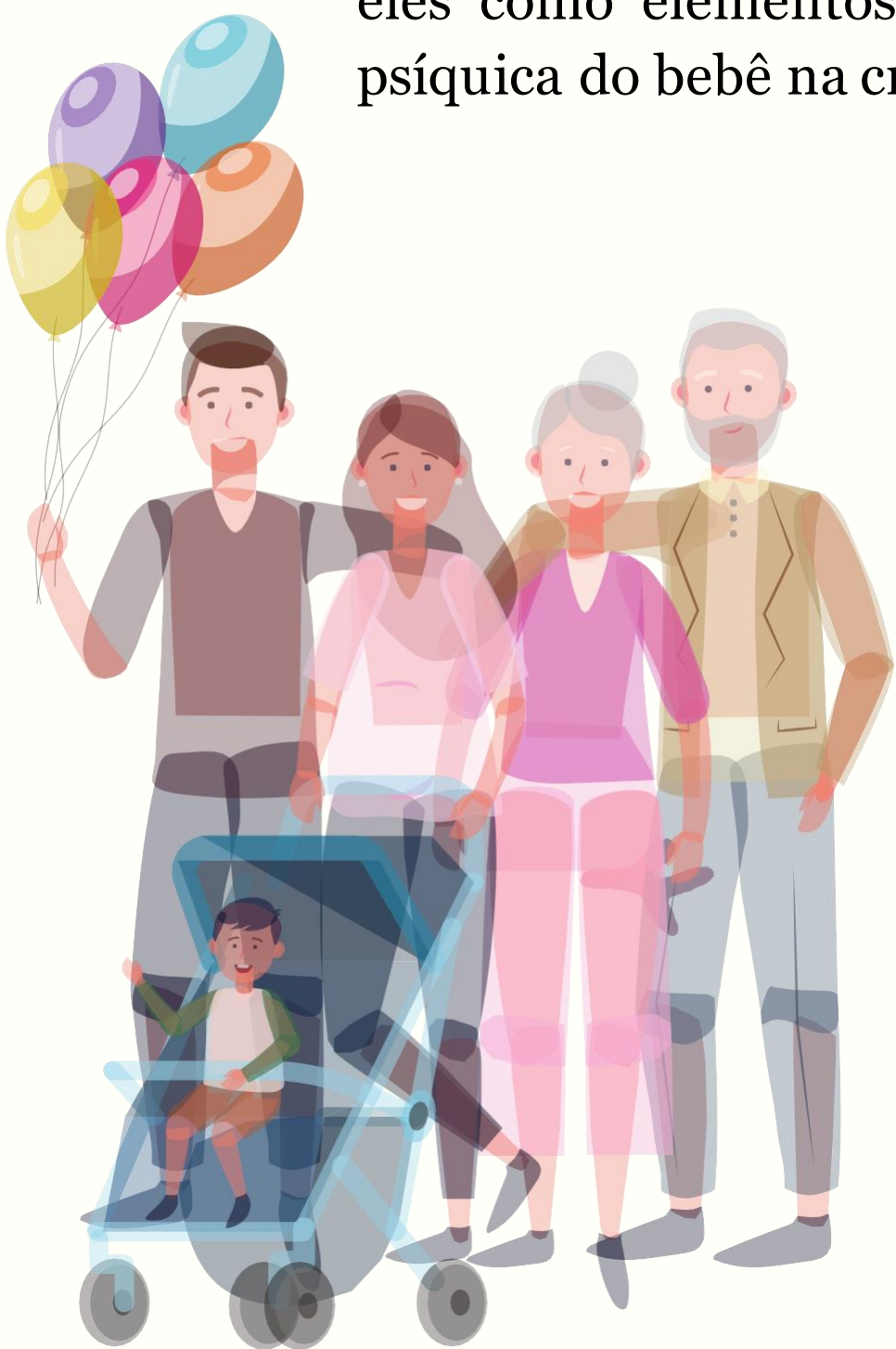


A chegada de um bebê à creche envolve os funcionários e as diversas famílias. Além de toda a estrutura física, que proporcione estímulos a cada faixa etária, é necessário segurança e acolhimento.

O berçário comporta as diversas rotinas de cuidado com o bebê, que envolve alimentação, higiene, sono e o brincar. Atrelado a essas rotinas, estão os projetos pedagógicos com metas de aprendizagem compatíveis com os diferentes estágios de desenvolvimento da criança.

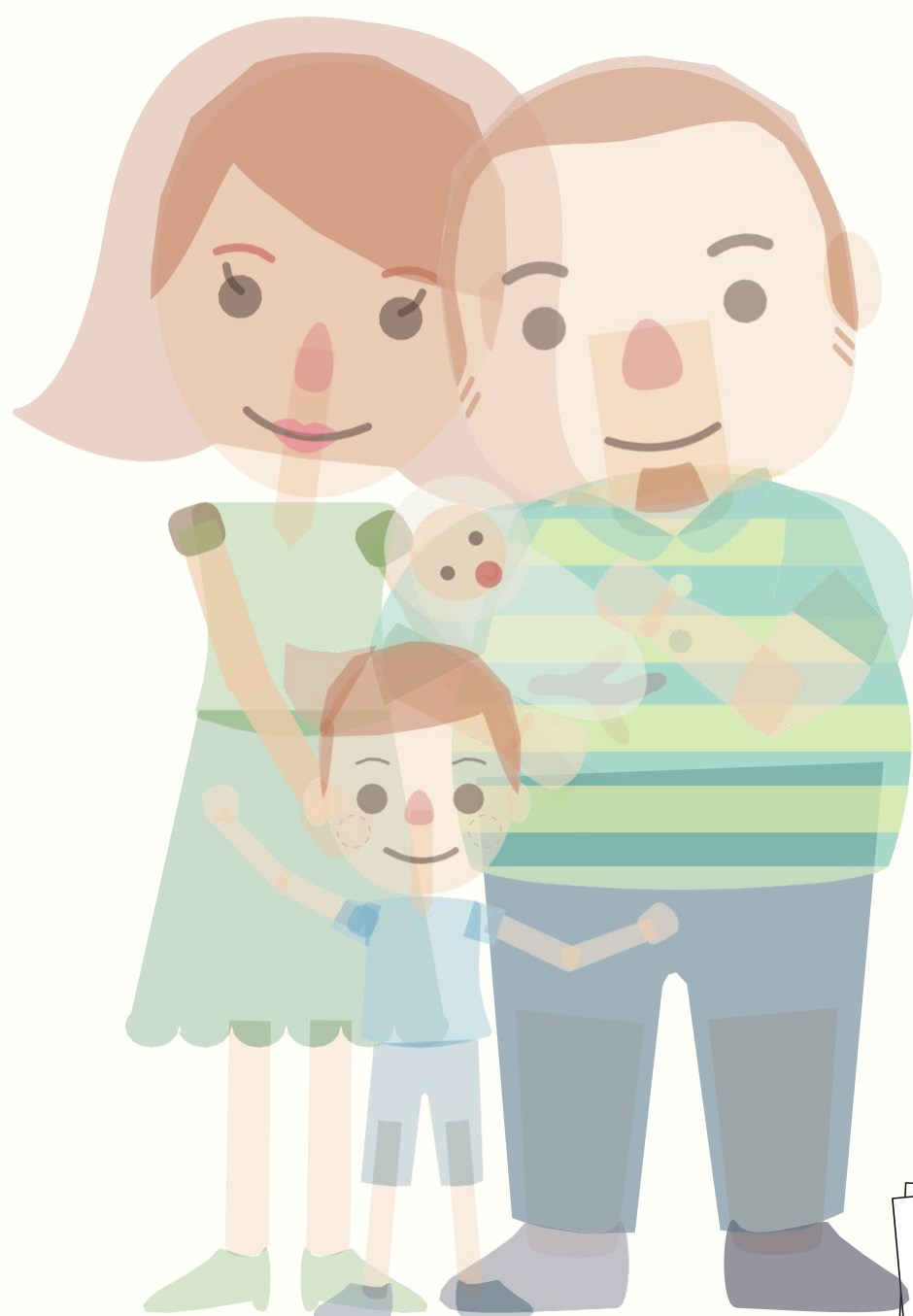
Pensar na complexidade que envolve receber um bebê se faz fundamental para que a creche venha a se presentificar como um lugar que promove saúde, auxilia às mães e previne doenças, podendo, também, ser um espaço de intervenção precoce.

Diante dessa complexidade e de diferentes contextos, é necessário pensar em cada detalhe. Refletir sobre os cuidados, sobre as vivências e sobre os vínculos propiciados pelo berçário, de forma a pensar sobre eles como elementos, que em conjunto, irão favorecer a constituição psíquica do bebê na creche se faz urgente.





ACOLHIMENTO



Acolhimento



É importante conhecer cada criança, antes mesmo de recebê-las no berçário. Um bom acolhimento visa trazer maiores informações sobre como oferecer o cuidado adequado a cada bebê. Conhecer sua história, sua rotina, suas preferências e suas dificuldades, leva-nos a pensar nos cuidados individualizados a serem ofertados.

Dica:

Não transforme esse momento em entrevista:

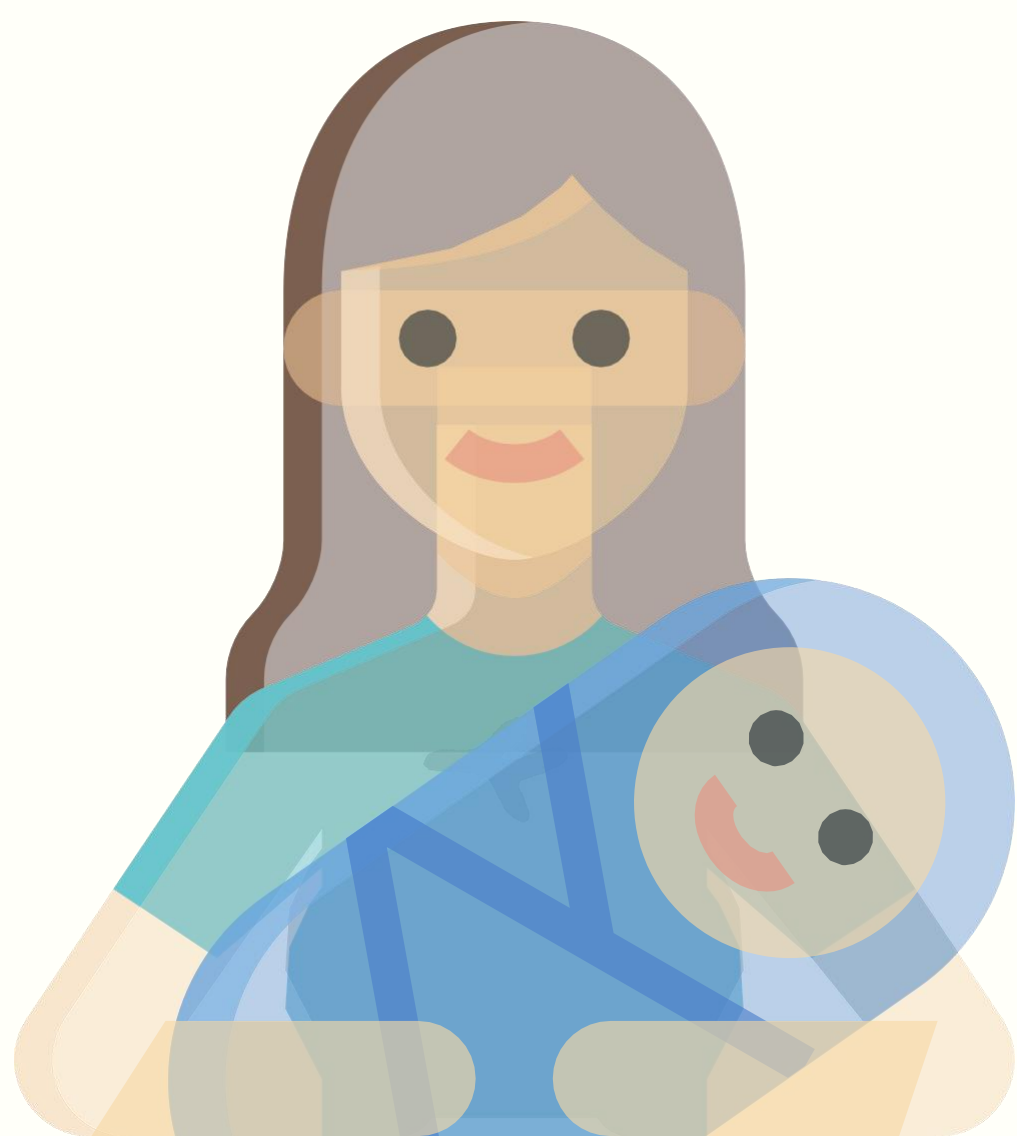
Que tal iniciar pedindo para os pais contarem sobre a história de (nome da criança) na vida dessa pessoa?

Dados essenciais coletados durante o acolhimento:

- ✓ Nome, filiação, data de nascimento e sexo;
- ✓ Dados referentes à gravidez (desejada ou não, tentativas, abortos, adoção, intercorrências, saúde gestacional);
- ✓ Dados referentes ao parto (intercorrências, a termo, normal ou cesário, nota do teste de Apgard, se necessitou de oxigênio);
- ✓ Primeiros cuidados (amamentação, transições alimentares, sono, alergias, histórico de adoecimento);
- ✓ Momento atual (Como está a alimentação? Como está o sono? Onde dorme? A depender da idade a criança rola? Senta? Engatinha? Anda? Fala? Com qual idade atingiu cada marco do desenvolvimento? E se já atingiu? Quem estava cuidando?)
- ✓ Ficha com informações nutricionais (se tem alergias, qual leite utiliza, preferências alimentares; consistências que já aceita na dieta). Por se tratar de um documento que impacta na integridade física da criança, faz-se importante que seja assinado pelos responsáveis pela criança.



QUEM CUIDA DOS BEBÊS NO BERÇÁRIO?



A Berçarista

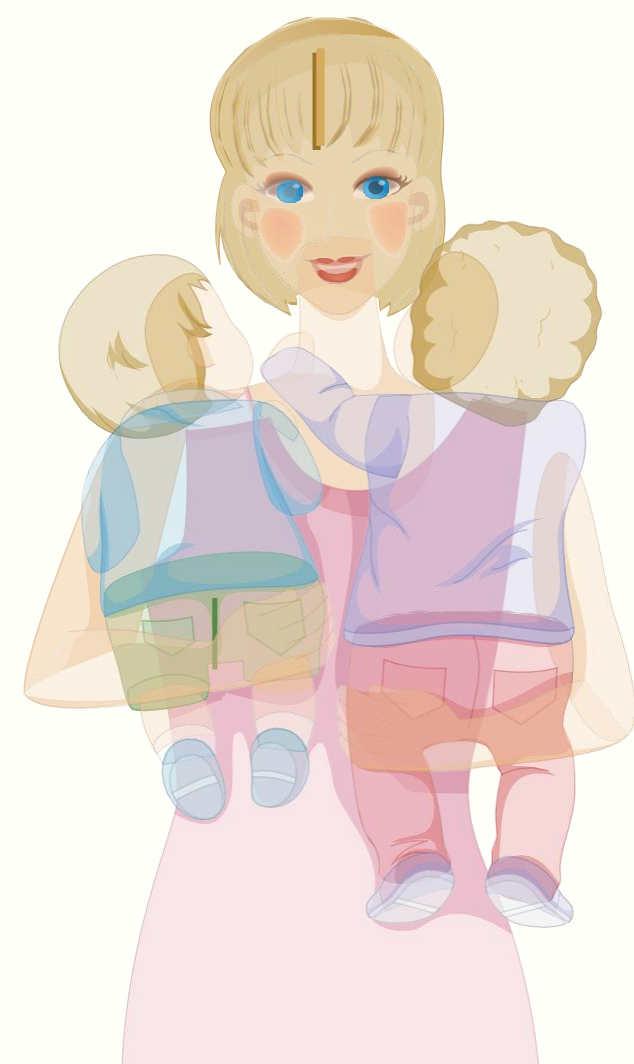
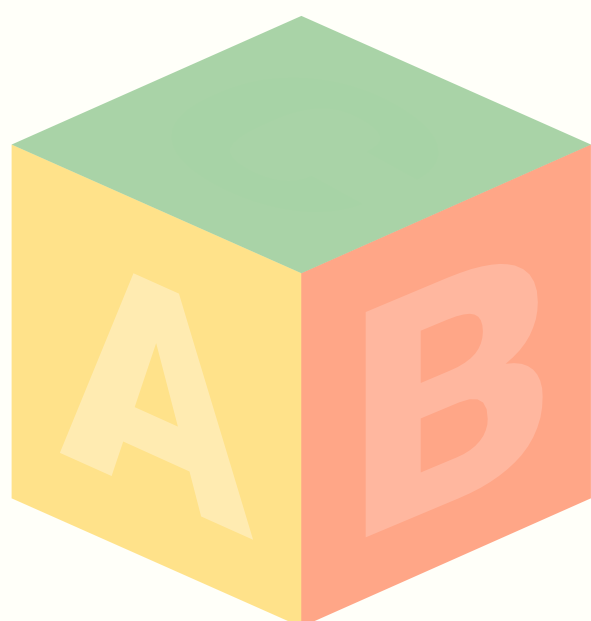
Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) as responsáveis pelos cuidados com os bebês na creche são chamadas de auxiliares de desenvolvimento infantil, atendente de creche, auxiliar de creche ou crecheira. Os termos encontrados dizem respeito à função de ensinar e cuidar de crianças na faixa de zero a seis anos, buscando promover o desenvolvimento integral delas, por meio de projetos pedagógicos, assim como dos cuidados com sua alimentação, higienização, sono, socialização, dentre inúmeros aspectos.

Embora existam muitos estudos sobre creches, parece não haver um consenso sobre quem são as profissionais que atuam diretamente com os bebês, como podem ser nomeadas, qual a sua formação e quais as suas funções.

Em muitas creches é comum atribuir a essas profissionais, termos como: auxiliar, monitora, crecheira ou recreadora, o que estaria mais interligado com as práticas de cuidado físico e as distanciaria da educação. Talvez por isso, o trabalho no campo da creche, em especial no berçário, tenha sido pensado como um trabalho mais corporal e, portanto, vinculado ao campo doméstico.

Para delimitarmos a quem estaremos nos referindo neste *E-book*, utilizaremos o termo berçarista como sinônimo da profissional que tem a função de atuar em berçários dispensando cuidados integrais aos bebês, de forma a proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e buscando zelar pelo seu bem-estar biopsicossocial.

Para Kramer (2005, p. 62), “não é possível educar sem cuidar”, são práticas indissociáveis. Dessa maneira, quando nomeamos essa profissional como cuidadora ou educadora, tendemos a polarizar para um dos lados, por isso, compreendemos que não seriam termos adequados, pois à profissional da creche caberá sempre as duas ações.



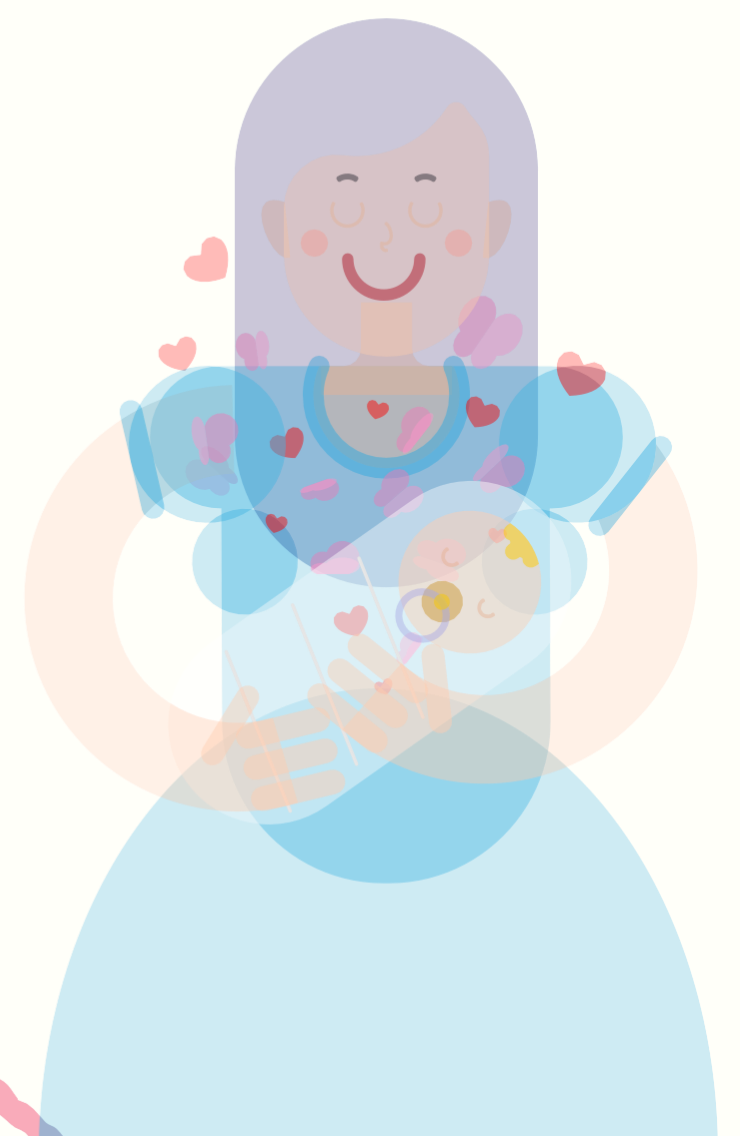
A Berçarista

Já o termo crecheira é rapidamente associado à creche, que significa, segundo Flash e Sordi (2007), “manjedoura”, local onde se deposita bebês que precisam ser cuidados por necessidade. É vinculado à história dessa instituição, ao seu assistencialismo, a um lugar onde se abandonavam as crianças, um espaço de sofrimento. Dessa maneira, escolhemos o nome berçarista, pois nos remete ao berçário, “instituição encarregada do cuidado (alimentação, saúde, vigilância etc.) de recém-nascidos para mães que trabalham” (Dicionário Michaelis), um lugar de acolhimento do bebê, espaço de cuidado, de desejo e de zelo.

Muitas reflexões aconteceram desde o surgimento das creches, concomitantes com as leis de proteção da infância e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (2017) veio ressaltar ainda mais que os aspectos dos cuidados dispensados às crianças são indissociáveis da educação, reconhecendo que assim que a criança não precisa apenas ser preenchida de conhecimentos, mas, sobretudo, de cuidados.

A palavra “cuidado” está relacionada à cura (em latim cura, curare) e tem sido usada em diversos contextos para expressar preocupação, atenção, proteção e compromisso. O cuidado se refere a estar atento, por exemplo, às necessidades do bebê, reconhecendo as sutilezas e sanando-as quando pertinentes e possíveis (Flash e Sordi, 2007).

Caberá às berçaristas, na creche, desempenhar ações que envolverão os cuidados e a educação dos bebês. No desenrolar dessa relação vivenciada diariamente, acontece, silenciosamente, talvez a mais bela e primordial ação realizada por essas profissionais, que seria a de favorecer por meio dos cuidados a constituição psíquica dos bebês.



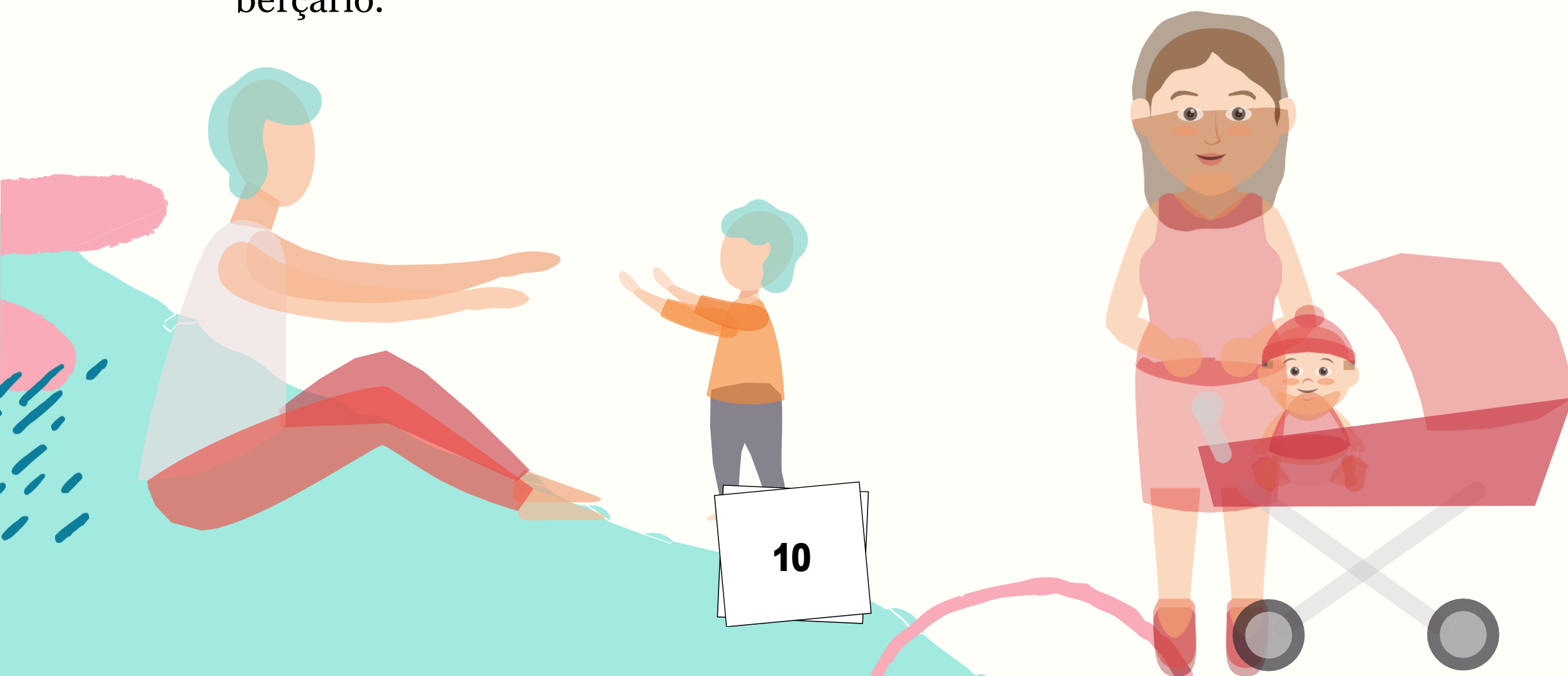
A Berçarista

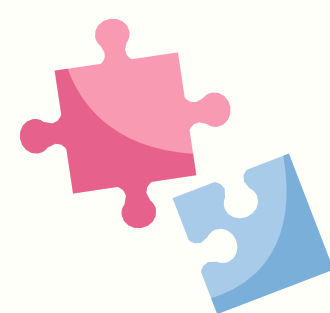
É importante compreender que o tempo destinado pelas berçaristas aos bebês seja aquele voltado para os cuidados ou para o processo pedagógico em si, envolve atenção, observação, escuta diferenciada, comunicação, afetividade e construção de vínculos. E tudo isso em condições ideais são elementos essenciais para o desenvolvimento integral do bebê.

A relação estabelecida entre as berçaristas e os bebês pode ser favorecedora do vir a ser desse bebê (organismo), para o desenvolvimento do bebê (sujeito), aquele que existe, que é dotado de desejos e é desejado. Aquele que comunica o que quer e é atendido quando possível. Essa profissional, geralmente, é uma pessoa que dedica parte do seu dia, muitas vezes mais de 8 horas por dia, especialmente quando falamos de creches integrais, com disponibilidade para atender às diversas demandas que se apresentam. Para esses bebês, elas serão um dos elementos fundamentais junto à família

Dentre as ações dessas profissionais no berçário podemos destacar:

- Acolher com afetividade, olhar e escuta diferenciados;
- Compreender as demandas do bebê e buscar atendê-las quando possível: todas as ações que envolvem os cuidados voltados para alimentação, higiene e sono do bebê;
- Zelar pelo bem-estar do bebê;
- Brincar com o bebê;
- Prezar pela segurança do bebê;
- Cuidar e organizar o material de uso individual do bebê;
- Auxiliar na aplicação dos projetos pedagógicos;
- Construir instrumentos para viabilizar os projetos;
- Participar dos momentos de contação de histórias e musicalização;
- Contribuir com suas percepções para a elaboração dos relatórios de desenvolvimento infantil que serão entregues às famílias;
- Auxiliar a professora e equipe pedagógica com as ações executadas no berçário.

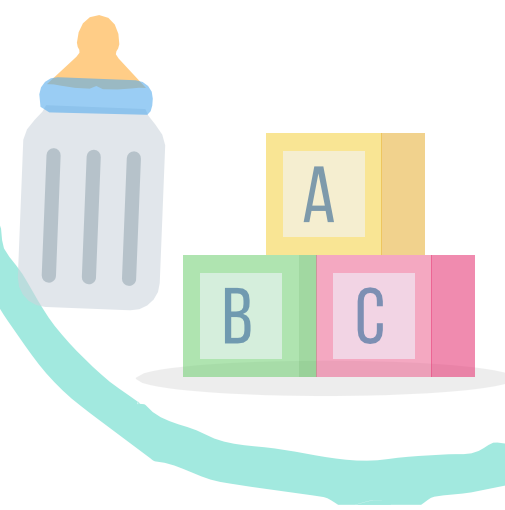




NAS ENTRELINHAS DO CUIDAR E EDUCAR



nas entrelinhas do Educar e Cuidar...



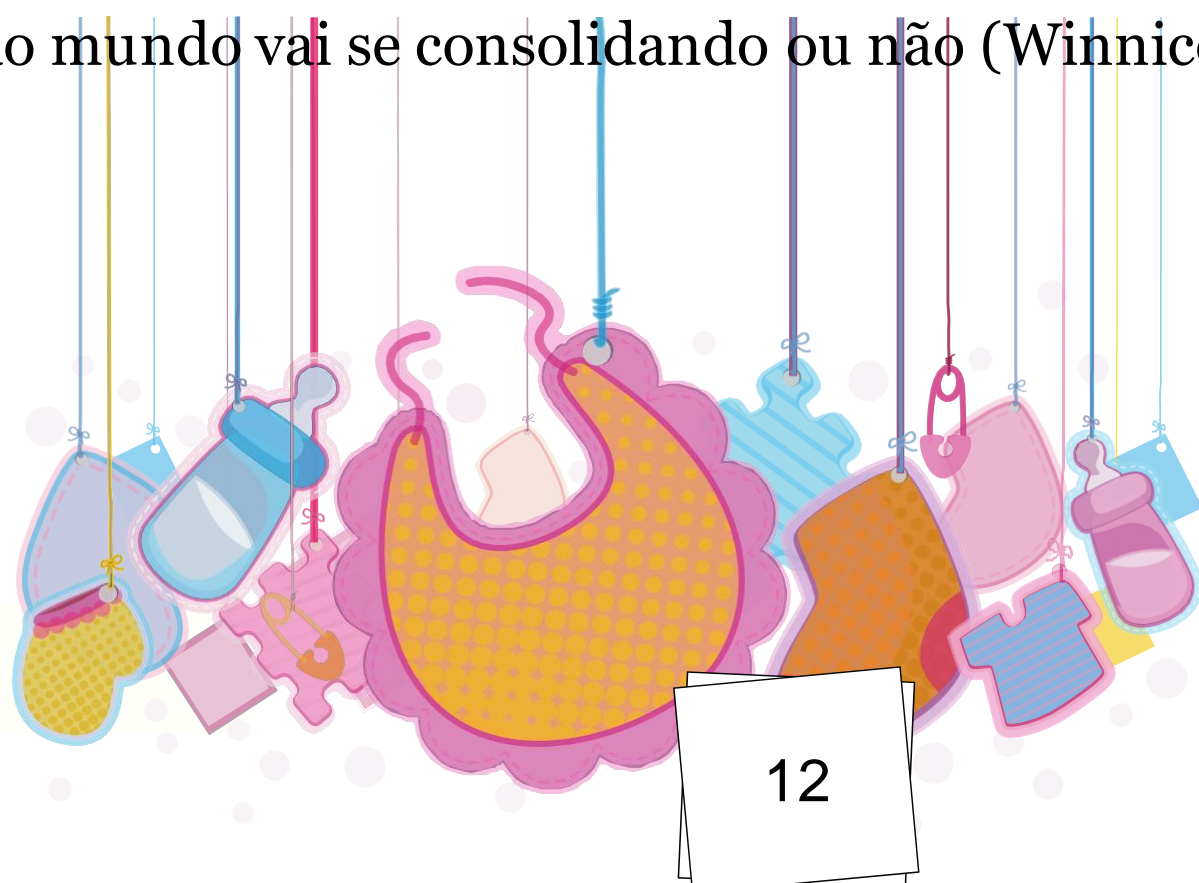
Sempre se pensou na dupla função da creche, de cuidar e educar, em especial, no segmento de berçários, porém, a cada dia percebemos uma ampliação do papel dessa instituição. O cuidar não é mais, somente, aquele destinado à alimentação, higiene e sono, mas, sobretudo, um cuidar que dá ao bebê a oportunidade de se tornar sujeito.

Figueiredo (2007) chama atenção ao considerar que o cuidar pode ser até elementar, pois não necessitaria de amplos estudos para realizá-lo e, por isso, sua importância pode passar despercebida. No entanto, a falta do cuidado, para um bebê em constituição, seria desastrosa e nociva, trazendo posteriormente problemas psicológicos e de ordem comportamental.

Assim, será na repetição de uma rotina banhada na sutileza dos cuidados, que o bebê organizará o seu ego e, gradualmente, passará a se sentir real. Winnicott (1999) relembra que o mais complexo só pode emergir de algo mais simples e é assim que ocorre com o desenvolvimento da personalidade do bebê. Dessa forma, somente a mãe ou sua substituta irão sob certas condições favorecer a maturação física e emocional do bebê por meio dos cuidados ofertados.

Assim, a essência da creche em apoio a essa primeira infância deverá alicerçar suas práticas no cuidado. Caberá as berçaristas se identificarem com o bebê, para poder conseguir olhar e escutar suas necessidades e desejos. Sem essa identificação figurada na disponibilidade viva e não mecanizada de uma mãe ou de uma substituta em oferecer prazer e conforto ao bebê, seu potencial de desenvolvimento emocional e físico pode ficar sob risco.

A partir dos cuidados recebidos, o bebê experencia uma continuidade de ser. À medida que o bebê cresce, os registros dessa continuidade vão norteando sua visão de mundo. Todas as experiências que afetam o bebê ficam arquivadas em sua memória, e a partir daí sua confiança em relação ao mundo vai se consolidando ou não (Winnicott, 1999).



nas entrelinhas do Educar e Cuidar...



Para Crespim (2004), o cuidado deve conter três elementos: a oralidade, a especularidade e a pulsão invocante. A oralidade para a autora estaria ligada não apenas à alimentação e ao atendimento das necessidades de fome do bebê, mas também, à troca de amor que esses momentos propõem para a díade cuidador-bebê. Durante o momento de alimentação existe uma troca corporal que está vinculada ao prazer por ser alimentado, por ser saciado, o que indicaria sinais da presença materna, através do próprio alimento, de sua pele, de seu cheiro, de sua voz e de seu olhar.

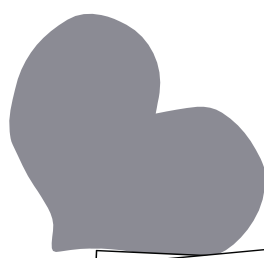
A especularidade compreenderia o olhar, não apenas a visão que compõe o bebê, o enxergar propriamente dito, mas sobretudo, o ser visto, compreendido a partir de um olhar acolhedor e individualizado. Já a pulsão invocante diz respeito à palavra, à voz, ao ser ouvido, à compreensão de que o choro e os sons produzidos pelo bebê comunicam algo, comunicam uma demanda dirigida a quem cuida dele e deverão ser interpretados e respondidos (Crespim, 2004).

O cuidar na creche deve compor ações que comportem e acolham esses três elementos, pois só assim conseguirá acolher o bebê dispensando um cuidado que promoverá a subjetivação do mesmo.

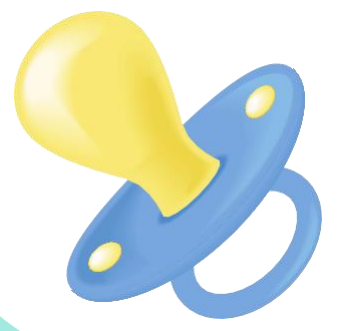
É preciso ficar claro que o bebê não necessita apenas de alimentação, banho, roupas e temperatura adequada, ele necessita, sobretudo, de alguém que tenha prazer em estar com ele em cada momento de sua rotina. Esse prazer impulsiona o bebê ao desenvolvimento e faz com que ele se sinta amado.

Na creche, as berçaristas, aparecem na ponta, na relação com o bebê e com a mãe. Por assumir os cuidados com ele, acabam por ser “exigidas” de exercer a função materna.

Essa função estaria normalmente atrelada à figura da mãe, porém nem sempre é ela que desempenha essa função. Outras pessoas que se coloquem numa relação segura e estável com o bebê e que por meio de seus cuidados, afeto, contribuam com o seu desenvolvimento integral, poderiam estar exercendo a função materna (Pesaro e Kupfer, 2016).



nas entrelinhas do Educar e Cuidar...



No exercício dessa função, deve-se considerar não apenas os cuidados físicos, mas e, sobretudo, os cuidados que levam à suposição de que existe no bebê alguém dotado de necessidades e de direitos, que precisa ser escutado e banhado pela linguagem que precisa se comunica e, ainda, que necessita ser amado, priorizado e acolhido.

Na função materna está contido todo o aporte de cuidados dispensados ao bebê, entendendo-se cuidado como algo complexo e que diz respeito aos cuidados físicos, mas e, sobretudo, aos que levam à humanização e à subjetivação do sujeito. Partiriam da suposição de que existe alguém dotado de necessidades e de direitos, que precisa ser escutado e banhado em linguagem, que precisa se comunicar e necessita ser amado, priorizado e acolhido. Sem a função materna não haveria como emergir o humano a partir de um bebê/organismo.

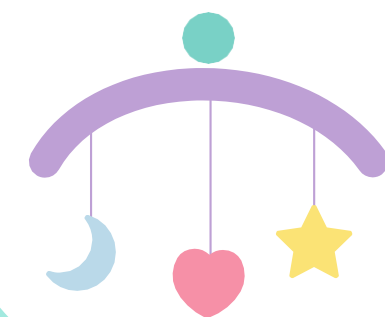
O bebê necessita de alguém que reconheça seus desejos e de uma voz que fale sobre o que ele sente. Alguém que decodifique o mundo e a cultura na qual está inserido. Alguém que possua expectativas e desejos sobre o desenvolvimento dele.

É possível compreender que as berçaristas desenvolvem uma função semelhante à materna, em detrimento até das condições que lhes são propícias, pois muitas estão em contato diariamente com esses bebês por cerca de 8 horas por dia, o que teoricamente lhes permite uma maior aproximação e intimidade (Brandão e Kupfer, 2014).

No entanto, Bernardino, Kupfer e Mariotto (2014) compreendem que, mesmo que a berçarista tenha afetividade, disponibilidade e olhares para a criança, mesmo com aquelas com as quais tem maior identificação, a sua motivação estará sempre referendada à sua própria profissão. Para as autoras, não existe uma substituição, nem sobreposição da mãe, assim compreende que a função materna exercida pelo professor na creche seja nomeada como “função maternante”.

Mesmo diante da disponibilidade e prazer para atender e cuidar dos bebês a berçarista estará se relacionando com eles por meio de uma vertente profissional, que envolve questões financeiras e pedagógicas. Assim, constata-se que a função dela pode ser similar à materna e, por isso, o termo “função maternante” vem destacar sua diferença (Bernardino, Kupfer e Mariotto, 2014).

nas entrelinhas do Educar e Cuidar...



É preciso considerar que uma berçarista estabelece relações de cuidado e confiança com os bebês, mas possui objetivos, expectativas e desejos diferentes dos pais. Embora exista o desejo, este está atrelado às suas expectativas e demandas profissionais e pessoais. Esse desejo traz consigo uma relação com sua própria história, com sua projeção de futuro, com o que aprendeu nos livros, com suas experiências sobre como se relacionar com bebês e ainda, com seus conteúdos inconscientes.

Gabeira e Zornig (2013) compreendem que “na relação profissional, o cuidado é o eixo principal e o sentimento é decorrente deste cuidado, enquanto na relação materna, o sentimento é o eixo principal que motiva o cuidado com o bebê” (p. 146). Ou seja, embora cuidem e sejam primordiais para a constituição psíquica dos bebês, mãe e berçaristas têm funções que até se sobrepõem, em alguns aspectos, mas são essencialmente diferentes.

Compreender que a constituição psíquica dos bebês faz parte da função desempenhada pelas berçaristas e que está para além do cuidar e educar, não significa somar mais uma responsabilidade a elas. Desde sempre as berçaristas participavam do processo de subjetivação dos bebês, mas é sobretudo, trazer esse aspecto do seu trabalho como foco, como elemento essencial da sua prática profissional (Pesaro e Kupfer, 2016).





EIXOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CRECHE



A subjetivação e os Indicadores de risco psíquico na infância



A creche na atualidade tem se tornado uma grande aliada para a saúde integral dos bebês, em especial, na identificação precoce de riscos de atraso no desenvolvimento, assim como de inúmeras doenças (alergias, gripes, viroses, dentre outras).

Esse espaço tem se colocado na realidade de muitas famílias como um local de educação e estimulação adequada à faixa etária das crianças, como um ambiente seguro e repleto de cuidados relacionados à higiene, saúde e alimentação e como lugar de socialização dos bebês.

As berçaristas da creche, por sua disponibilidade, oportunidade e experiência com diversas crianças e por seu olhar e escuta diferenciados conseguem, muitas vezes, perceber nuances do comportamento infantil, não tão bem visualizadas no âmbito familiar e médico, e esse olhar têm sido valoroso quando pensamos em saúde.

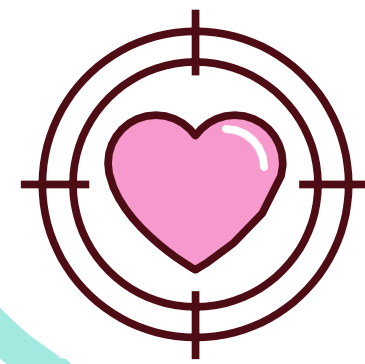
Quanto antes conseguirmos identificar as dificuldades ou atrasos que o bebê venha enfrentando e intervirmos, maiores as chances de remissão ou de um melhor prognóstico. A intervenção precoce vem sendo uma das principais vias que vêm trazendo resultados promissores quando pensamos em saúde.

Pensando na importância da identificação precoce dos riscos para o desenvolvimento infantil, diversas pesquisas vêm sendo realizadas e se faz relevante trazer uma pesquisa que se debruçou a estudar a relação mãe-bebê. A partir dessas observações, Kupfer et al. (2009) desenvolveu o IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) (Anexo), um instrumento para a identificação de riscos no desenvolvimento psíquico em bebês a partir do nascimento até os 18 meses de vida.

Inicialmente, esse instrumento foi pensado para que os pediatras pudessem ampliar o seu olhar para além dos marcos de desenvolvimento e das doenças, podendo também compreender nas suas práticas uma observação de sinais comportamentais (ausentes ou presentes) no bebê que já pudessem indicar riscos, para autismo, por exemplo. Pensou-se na ampliação da sua aplicação para áreas que também atuavam com bebês, como exemplo as creches, posteriormente, ele foi adaptado para o uso nesses espaços.

A identificação desses sinais poderia levar o bebê ao encaminhamento para intervenção precoce, e considerando a existência da neuroplasticidade cerebral, ela poderia levar a um melhor prognóstico nos diferentes campos de seu desenvolvimento.

A subjetivação e os Indicadores de risco psíquico na infância



O IRDI possui quatro eixos (suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna) distribuídos de acordo com a faixa etária do bebê.

Na creche a suposição de sujeito estaria relacionada, segundo Oliveira, Donelli e Charczuk (2020), ao desejo dos que cuidam do bebê de que ele seja alguém. Ao antecipar a presença de um sujeito no bebê/organismo a berçarista pode oportunizar o advir do humano no bebê.

O eixo do estabelecimento da demanda estaria no dar sentido às pequenas ações do bebê, trazendo aos pequenos movimentos involuntários dele, uma forma de comunicação direcionada aos que cuidam dele na creche. Traduzindo as ações e emoções expressas nas ações do bebê, as berçaristas estariam oportunizando ao mesmo, autoconhecimento, conhecimento sobre o mundo das coisas e das relações.

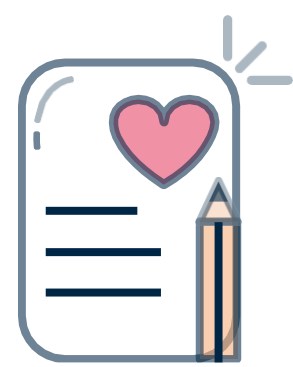
A alternância presença/ausência estaria relacionada na creche às pequenas ausências da berçarista e ao estabelecimento das rotinas com suas respectivas pausas, o que leva a um descompasso nas gratificações imediatas destinadas ao bebê. Um intervalo, mesmo que pequeno, mas que provoca no bebê a sensação de estar só, como reação, ele aciona em seu imaginário a mãe ou substituta simbolicamente. Essas experiências provocam o surgimento do ser criativo.

A alternância entre falhas/faltas e cuidados é o que permite ao bebê registrar a confiabilidade, já que, se não houvesse as falhas/faltas, se existisse uma perfeição mecânica, o bebê não teria como perceber os cuidados.

Quando as falhas/faltas são corrigidas com tentativas de cuidados adequados, elas acabam constituindo uma forma de comunicação do amor pelo bebê. É importante ressaltar que essas falhas se distinguem das dificuldades maiores e mais intensas.

Figueiredo (2007) acrescenta ressaltando que, no início da vida, a dosagem entre os excessos de cuidados e as ausências deles é decisiva para a formação do sujeito. Muito se fala da ausência ou sobre um cuidado que forneceria poucas possibilidades ao bebê. No entanto, faz-se importante explicitar que os excessos do cuidar são extremamente prejudiciais. As falhas e faltas são importantes para que o bebê possa ir assimilando pouco a pouco a realidade e se percebendo com um "ser", pessoa, separada da mãe.

A subjetivação e os Indicadores de risco psíquico na infância



O último eixo trazido pelo IRDI é a função paterna. Esse pode ser caracterizado como o interdito entre o desejo da mãe e o desejo do bebê; seria o corte mediado pela cultura/creche, o “não” que impulsiona o desenvolvimento do bebê para fora da díade mãe-bebê, impulsionando-o para percepção de ser alguém separado da mãe (Oliveira, Donelli e Charczuk, 2020).

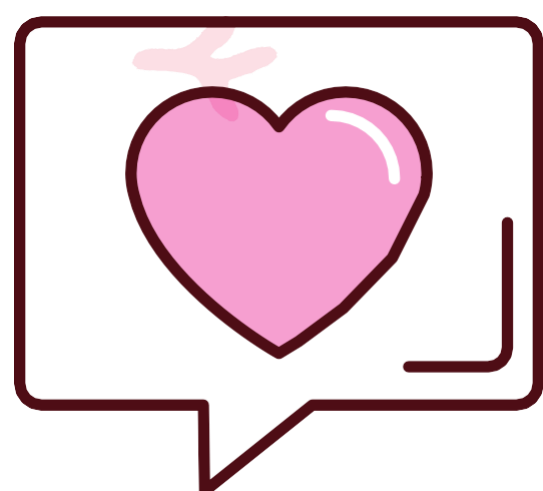
Esse corte, é muitas vezes, dado pela creche, quando se coloca entre a mãe e o bebê, fazendo com que a mesma esteja numa relação triangular (mãe/creche/bebê) onde o mundo/cultura/lei esteja integrado na realidade do bebê e da mãe.

A berçarista como representante da creche poderá exercer a função paterna na relação mãe-bebê, mas também poderá ser alvo da função paterna da própria creche com suas rotinas e regras. Assim, a creche instituição poderia se colocar numa função paterna para o par berçarista-bebê.

Olhar as creches numa perspectiva guiada pelo IRDI é pensar o sujeito como alguém que está em processo de construção. É retirá-lo do campo da doença e da reabilitação para colocá-lo num espaço educativo, onde as intervenções apostam em seu potencial (Kupfer, Bernardino e Mariotto, 2014).

A realidade atual permite uma reflexão sobre como a creche vem participando da família e da subjetivação de bebês. Cabe indagar a sua responsabilidade, assim como a sua função e limitações. Torna-se fator primordial pensar sobre o aprimoramento desse serviço e como ela poderá favorecer o desenvolvimento psíquico dos bebês, proporcionando promoção da saúde e prevenção de doenças em nossa sociedade.

É importante apreciar que pensar sobre o início da vida e da responsabilidade que a sociedade como todo tem sobre o futuro é corresponder a um ideal de pertencimento e de perpetuação da espécie humana. É, sobretudo, pensar na ascensão de um futuro mais promissor para todos.





ANEXO



INDICADORES
CLÍNICOS DE RISCO
PARA O
DESENVOLVIMENTO
INFANTIL - IRDI - 18



Anexo 1

FOLHA DE APLICAÇÃO E REGISTRO

CRECHE:
NOME DA CUIDADORA: Data de Entrada na Creche: Data de Nascimento:
NOME DA CRIANÇA:

1) Data de Nascimento:
2) Data de Entrada na Creche:
3) Sexo:
4) Irmãos:
5) Período de permanência na Creche: () manhã () tarde () integral
6) Idade Materna:
7) Com quem mora:



Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.



Anexo 2

INDICADORES CLÍNICOS DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL IRDI 18

FOLHA DE APLICAÇÃO DE REGISTRO

Nome do Pesquisador: _____ CMEI: _____

Nome da Educadora: _____

Nome da criança: _____ Data de nascimento: _____

Número do Protocolo: _____

Indicadores (0 a 4 meses incompletos)	Data de aplicação _/_/	Data de aplicação _/_/	Observações
1. Quando a criança chora ou grita, a educadora sabe o que ela quer.			
2. A educadora fala com a criança num estilo particularmente dirigido a ela (mamanhês).			
3. A criança reage ao mamalhês.			
4. A educadora propõe algo à criança e aguarda a sua reação.			
5. Há trocas de olhares entre a educadora e a criança.			
Indicadores (4 a 8 meses incompletos)			
6. A criança utiliza sinais diferentes para expressar suas diferentes necessidades.			
7. A criança reage (sorri, vocaliza) quando a educadora ou outra pessoa está se dirigindo a ela.			
8. A criança procura ativamente o olhar da educadora.			
Indicadores (8 a 12 meses incompletos)			
9. A educadora percebe que alguns pedidos da criança podem ser uma forma de chamar a sua atenção.			
10. Durante os cuidados corporais, a criança busca ativamente jogos e brincadeiras amorosas com a educadora.			
11. Educadora e criança compartilham uma linguagem particular.			
12. A criança estranha pessoas desconhecidas para ela.			
13. A criança faz gracinhas.			
14. A criança aceita alimentação semissólida, sólida e variada.			
Indicadores (12 a 18 meses incompletos)			
15. A educadora alterna momentos de dedicação à criança com outros interesses.			
16. A criança suporta bem as breves ausências da educadora e reage às ausências prolongadas.			
17. A educadora já não se sente mais obrigada a satisfazer tudo que a criança pede.			
18. A educadora coloca pequenas regras de comportamento para a criança.			

Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.

Bibliografia

BRASIL. (2017). Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB.

Brasil. (2002). Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Brasília: TEM. Crespim,

G. (2016). A escuta das crianças na educação infantil. São Paulo: Langage.

Dicionário Michaelis escolar de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 2016.

Gabeira, T. R. & Zorning, S. A. (2013). Os eixos do cuidado na primeira infância. Cadernos de Psicanálise;35(29):143-158.

Figueiredo, C. L. (2007). A metapsicologia do cuidado. Revista Psyche, 11(1), 13-30.

Flach, F., & Sordi, R. O. (2007). A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. Estilos da Clínica, 12(22), 80-99. doi:10.11606/issn.1981-1624.v12i22

Kupfer, M. C., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (2014). De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches. São Paulo: FAPESP/Escuta.

Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. F., Molina, S., & Lerner, R. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 13(1), 31-52.

Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.

Oliveira, M. A., Donelli, T. M. S., & Charczuk, S. B. (2020). Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. Revista de Psicologia Escolar e Educacional, 24(1), 1-10.

Pesaro, M. E., & Kupfer, M. C. M. (2016). Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. Revista Analytica, 5(9), 58-68.

Winnicott, D. W. (1999). Conversando com os pais (2a. ed.). São Paulo: Martins Fontes.



FPS

FACULDADE
PERNAMBUCANA
DE SAÚDE